

A FUNDAMENTAÇÃO DO MÉTODO CARTESIANO

Liliane Soares Santana*

RESUMO: O presente artigo tem a intenção de abordar as principais ideias de René Descartes contidas no livro *Discurso do método*, uma das principais obras do filósofo francês. A análise desta obra é de grande importância para o entendimento acerca dos princípios que fundamentaram a ciência moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Método. Razão. Dúvida. Metafísica. Deus.

1 INTRODUÇÃO

René Descartes nasceu em 1596, em La Haye, na província de Tourraine. Oriundo de uma família nobre e dedicada a medicina e ao comércio. No período de 1604 a 1614, estudou no colégio jesuíta de La Flèche e por ter uma saúde fragil Descartes sempre teve uma rotina escolar privilegiada que lhe dava o direito de estudar na cama todas as manhãs. Esse hábito o acompanhou por toda sua vida. Em 1616 ele recebe o seu diploma de Direito da Universidade de Poitiers, pouco tempo depois, em 1619, vai para a Alemanha, onde decide passar um bom período sozinho. Ao final de 1620 Descartes parte para uma viagem que dura cerca de nove anos, só após esse período o filósofo começa a escrever a sua filosofia. Descartes sempre foi um bom aluno, mas os seus estudos no colégio jesuíta não lhe permitiu encontrar a verdade que procurava como relatou no *Discurso do método*.

Descartes é comumente conhecido como o fundador da filosofia moderna. A sua obra, *O discurso do método*, é dividido em seis partes. Na primeira o filósofo faz referência a diferentes considerações relativas às ciências, na segunda ele apresenta as principais regras para conduzir bem a razão, através do método, na terceira parte

* Discente do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: lsoareslili10@hotmail.com



apresenta algumas regras da sua moral provisória, retiradas do próprio método, na quarta parte são apresentadas as razões para a prova da existência de Deus e da alma humana, na quinta parte vários assuntos relacionados à física e explicações referentes ao movimento do coração e da medicina são tratados, na sexta e última parte ele escreve aquilo que acredita ser essencial para dominar a pesquisa sobre a natureza e também a razão que o levaram a escrever.

Podemos dizer que o livro do filósofo francês visa descrever o método em vista da busca de uma verdade primeira que não possa ser contestada. Essa primeira verdade indubitável é intuitiva e condição primordial para a descoberta de todas as outras verdades existentes. O órgão utilizado para distinguir o verdadeiro do falso é a razão e a razão ou bom senso, para o filósofo, é igual e está presente em todos os homens. É ela que nos possibilita buscar o conhecimento e discernir o falso do verdadeiro. Mas apesar da universalidade e presença da razão está em cada um de nós, as nossas percepções divergem. Isso ocorre devido as nossas diferentes experiências ou até mesmo pela precisão mais elevada ou menos elevada da nossa imaginação. O fato é que Descartes propõe um método, guiado pela razão, que conduz o homem ao caminho da verdade.

Ao meditar e chegar a algumas certezas, através do autoconhecimento, Descartes decide construir um sistema filosófico totalmente novo, onde ele pudesse aumentar o seu conhecimento gradualmente. É a partir daí que o filósofo francês propõe um método universal e racionalista, onde a ciência pudesse ser fundamentada de forma prática, concisa e evidente por si mesma. Pois o método, quando bem manejado, é o instrumento mais coerente para levar o homem à descoberta da verdade. No entanto, o filósofo não pretendia ensinar um método para que as pessoas pudessem seguir e alcançar a verdade, pura e simplesmente, o que lhe interessava era descrever como ele conduziu a sua razão. As descobertas que ele descreve no *Discurso sobre o método*, tem como objetivo mostrar como ele chegou a tais verdades.

2 AS REGRAS PARA SE BEM CONDUZIR A RAZÃO

Descartes não rejeita as opiniões que foram apreendidas pelo uso dos sentidos, mas procura veementemente encontrar um método universal, para chegar ao



conhecimento de todas as coisas, pois este seria o meio mais seguro para alcançar e fazer avançar a verdade na ciência. Partindo desse pressuposto o filósofo deixa bem claro que para se chegar a um fim, deve-se dar um passo de cada vez e procurar um método que seja capaz de questionar qualquer certeza, ou seja, é preciso duvidar de tudo. Como o filósofo considerava as verdades da matemática, da lógica, da álgebra e da geometria, saberes de grande relevância, resolve então utilizá-las na aplicação do seu método, pois para ele tudo que se torna objeto do conhecimento verdadeiro, pode vir a ser objeto do conhecimento matemático. As verdades matemáticas foram às primeiras que Descartes adotou como certas e inquestionáveis.

Certamente é por isso que o *Discurso sobre o método* se inspira na matemática. Isso se deve, provavelmente, por causa da sua certeza, seu rigor e clareza, pré-requisitos essenciais para construir uma filosofia sob um fundamento sólido e universal. Na citação a seguir fica bem claro como as incertezas acerca das opiniões que adquirira, na época da escola, perturbaram o seu processo de fundamentação das ciências.

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências (DESCARTES, 1988, p. 17).

Depois de optar pelas vantagens da matemática, o filósofo propõe um conjunto de regras, que servem para organizar o pensamento. Elas derivam de partes mais simples, (originárias da intuição¹), e alcança as mais complexas (originárias da dedução²).

A primeira regra é a da *evidência* ou da verdade, que consiste em não reconhecer nenhuma coisa como verdadeira se eu não a conhecer como tal, através dos diversos questionamentos. Ou seja, é preciso evitar todo e qualquer tipo de precipitação e desconfiança, só se deve aceitar aquilo que for verdadeiro, claro e distinto. A prática e o

¹ Concepção de um espírito puro e atento que nasce exclusivamente da luz da razão, conhece seu objeto sem risco de erro porque ela o apreende, imediatamente, isto é, sem auxílio do conceito e com um só olhar sem recorrer a memória. Descartes falava da intuição como um dos caminhos que conduz ao conhecimento certo.

² Processo discursivo que supõe um encadeamento lógico. Tal processo tira toda a sua certeza da intuição. Ela é, portanto, uma cadeia de intuições, uma intuição contínua.



exercício dessa atitude é que vai representar o critério primeiro para construção da verdade, segundo Descartes.

A segunda regra é a da *análise* que consiste em dividir as dificuldades em partes menores para poder resolvê-las, ou seja, partir das dificuldades mais complexas para as mais simples.

A terceira regra é a da *síntese* que consiste em ordenar o pensamento a partir dos assuntos mais simples para, posteriormente, alcançar os mais complexos.

A quarta e última regra é a da *enumeração* que consiste em fazer desmembramentos exaustivos para evitar omitir qualquer coisa. Na verdade, na prática, é trabalhar com especificações tão exatas e revisões tão abrangentes, que possa garantir que nada seja esquecido.

Essas longas cadeias de razões, tão simples e fáceis, de que os geometras costumam servir-se para chegar às suas mais difíceis demonstrações, levaram-me a imaginar que todas as coisas que podem cair sob o conhecimento dos homens encadeiam-se da mesma maneira, e que, com a única condição de nos abstermos de aceitar por verdadeira alguma que não o seja, e de observarmos sempre a ordem necessaria para deduzi-las umas das outras, não pode haver nenhuma tão afastada que não acabemos pra chegar a ela e nem tão escondida que não o descubramos (DESCARTES, 2007, p. 36).

O método cartesiano, também conhecido como método analítico, como procuramos descrever anteriormente, é composto por quatro elementos principais. O primeiro se refere à dúvida como o único meio de alcançar o conhecimento. Por isso é tão importante começar da dúvida e não de uma certeza qualquer. O segundo passo é dividir o problema em partes pequenas para resolvê-las uma a uma. A terceira parte diz que devemos começar das partes mais fáceis para depois seguir para as mais complexas e por último revisar as resoluções a fim de evitar qualquer tipo de conclusão precipitada³.

O que Descartes esta propondo então, é que façamos uma coisa de cada vez, para podermos alcançar a solução do problema através das regras que foram, previamente, adotadas. Segundo o filósofo, todos os problemas poderiam ser resolvidos, desde que as quatro regras do método fossem bem aplicadas. Os argumentos de Descartes revelarão,

³ A precipitação é a falha que o homem comete, ao aceitar como certo aquilo que ainda nos parece obscuro.



no processo de descoberta do *cogito*, que o exemplifica de forma brilhante, a primeira verdade irrefutável, ou seja, o pensamento é a realidade de si mesmo, portanto, diferente da matéria.

O método cartesiano possibilitou ao homem torna-se sujeito do seu próprio conhecimento; o modelo racionalista proposto pelo filósofo transformou o modo de pensar do homem moderno. As teorias produzidas pela ciência moderna fizeram as leis das tradições teológicas perderem espaço, para uma nova maneira de pensar as coisas no mundo, principalmente, no que se refere às verdades da ciência. O homem agora deixa de ver as coisas através do pensamento escolástico e religioso, que o influenciou por séculos, para se utilizar da razão como a fonte primeira, que conduz o homem ao conhecimento da verdade.

3 A DÚVIDA CARTESIANA

O *cogito*⁴ é o primeiro princípio para bem conduzir a razão em busca da verdade da ciência e, por isso, é o fundamento do nosso conhecimento, pois a razão é universal. É através do exercício da dúvida metódica que René Descartes afirma a descoberta da sua própria existência. O filósofo, após chegar a essa primeira descoberta, afirma que nem mesmo um gênio maligno poderia lhe enganar no que tange a sua própria existência. Essa certeza inicial e irrefutável serviria de base para o debate contra a postura dos céticos da época: duvidar por duvidar, como mero exercício, sem nenhuma finalidade construtiva. Descartes não vai duvidar de modo parcial, mas de modo fundamental, ao questionar o fundamento de todas as certezas, inclusive os sentidos.

Depois da certeza do *cogito*, Descartes propõe para si mesmo, seguir esse princípio: a verdade é tudo aquilo que consideramos claro e distinto. Este critério de verdade ocorre da mesma maneira como no caso do *cogito*, ou seja, a nossa percepção intelectual de forma clara e distinta nos diz quando estamos diante de uma ideia verdadeira.

⁴ Princípio primeiro do cartesianismo.



O método para Descartes é caracterizado como racionalista, pois ele não parte de evidências sensíveis ou empíricas, nesse caso nossos sentidos se enganam no ato de conhecer as coisas sensíveis. É racionalista, fundado na razão, pois visa questionar as afirmações do senso comum, da autoridade, afirmações provindas do racíonio e questionar até mesmo as certezas que antes pareciam ser certas e indubitáveis. O exercício e a prática do método leva o filósofo a questionar, até mesmo as demonstrações matemáticas, para certificar que estas são as únicas que não sofrem com os ataques da dúvida metódica. Essa tornou-se a postura cartesiana, por excelência: “Para examinar a verdade é necessário, pelo menos uma vez na vida, pôr todas as coisas em dúvida, tanto quanto se puder” (DESCARTES, 2006, p. 27).

É no processo da dúvida que o filósofo reconhece que aquele que duvida tem que, necessariamente, existir. A filosofia de Descartes, a partir de então, ganha o seu primeiro e mais importante fundamento: *Cogito, ergo sum*, Penso logo existo.

E finalmente, considerando que todos os pensamentos que temos quando acordados também nos podem ocorrer quando dormimos, sem que nenhum seja então verdadeiro, resolvi vingir que todas as coisas que haviam entrado em meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos. Mas logo depois atentei que, enquanto queria pensar assim que tudo era falso, era necessariamente preciso que eu, que o pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade - penso, logo existo - era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cépticos não eram capazes de abalar, julguei que podia adimiti-la sem escrúpulo como o primeiro principio da filosoia que buscava (DESCARTES, 2007, p. 58-59).

Como já foi exposto o caminho para alcançar a verdade é o método e a primeira regra é bem clara: não devemos aceitar o que não seja certo, pois é necessário duvidar de tudo que não seja indubitável e rejeitar tudo que não for claro e distinto. A dúvida cartesiana é metódica e provisória. Ela é metódica, pois busca alcançar a verdade e é provisória à medida que a dúvida desapare e a verdade é alcançada. A mesma possui três características principais: ela tem necessidade de duvidar; tem um radicalismo, que não deixa nada escapar à dúvida e, por fim, há um exagero de tratar as coisas como falsas ao sinal de qualquer questionamento.

O método cartesiano proposto por Descartes é uma prova de que o filósofo deixa para trás a tradição escolástica, para se dedicar a uma nova maneira de adquirir



conhecimento. Certamente, esse é um dos motivos que fizeram o filósofo ser considerado o fundador da ciência moderna. A dúvida agora é o fundamento para a busca da verdade na ciência, o método cartesiano esclarece o quanto é importante analisar rigorosamente um problema, pois é através dessa análise que poderemos chegar de modo seguro ao conhecimento real das coisas. Ao propor este método, o filósofo deixa claro que a filosofia agora tem uma nova forma de atingir o seu propósito, a razão junto com o método pode sim levar o homem ao alcance da verdade na ciência. Para isso, basta que as pessoas apliquem as regras e utilizem a razão, para discernir o falso do verdadeiro.

4 AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

O *cogito* é a conquista, consciente, da nossa própria existência. Descartes, como procuramos descrever, parte da dúvida e alcança o pensamento, ou seja, a identidade entre pensamento e existência, pensamento e eu. Descartes partilha da ideia de que a intuição primeira vai diferenciar os vários tipos de ideias, entendidas como tudo aquilo que passa pelo espírito. As ideias, por vezes, são confusas e duvidosas ou claras e distintas. As ideias claras e distintas não partem do particular, elas são gerais, e se encontram no espírito, para fundamentar a captura de outras verdades. “Para Descartes algumas ideias são inatas como ‘capacidade de pensar e de compreender as essências verdadeiras, imutáveis e eternas das coisas’” (ABBAGNANO, 2007, p. 630).

O *cogito* é o que fundamenta o percurso do sujeito cognoscente no processo de aplicação do método, através da dúvida. Ele constitui em nós o ponto de partida para a busca da verdade e, por isso, a primeira ideia clara para Descartes é a existência do *cogito*. Através dessa verdade inicial, o homem atinge a essência da alma e se descobre como a *res cogitans*, ou seja, como ser pensante. As ideias inatas podem, também, ter a sua origem no mundo físico e afetar os sentidos, ou seja, a parte sensível do homem. Dessa junção surge a famosa ‘separação’, para melhor explicar o processo de conhecimento, na qual o ser humano é compreendido como *res cogitans* (coisa pensante) e *res extensa* (coisa extensa, coisa pensada).



A ideia de Deus, tema caro a tradição precedente, na perspectiva de Descartes, faz parte das ideias inatas e é a partir dela que adquirimos a noção de um ser onisciente, onipotente e perfeito⁵. Não obstante, as ideias inatas não são capazes de solucionar alguns problemas, que surgem em nosso conhecimento, pois ela não garante que aquilo que pensamos tenha alguma validade fora do pensamento. Por exemplo, se rejeitamos e tornamos falsos todos os fatos de que podemos duvidar, negaríamos, assim, a existência de Deus, do céu, dos corpos, de nos mesmos, do nosso pensamento. Partindo dessa premissa como podemos provar a existência de Deus, se a única certeza que temos é a da existência do *cogito*?

A resposta para essa questão está na metafísica cartesiana que investiga e prova a existência de Deus. A prova consiste em mostrar que Deus é a ideia de um ser acabado e como tal não lhe falta nada para ser perfeito. Em Deus existir e ser se equivalem, do mesmo modo que a ideia da perfeição faz parte da sua natureza, enquanto *res cogitans*.

E, assim, reconheço muito claramente que a certeza e a verdade de toda ciência dependem do tão-só conhecimento do verdadeiro Deus: de sorte que, antes que eu o conhecesse, não podia saber perfeitamente nenhuma outra coisa. E, agora que o conheço, tenho o meio de adquirir uma ciência perfeita no tocante a uma infinidade de coisas, não somente que existem nele mas também das que pertencem à natureza corpórea, na medida em que ela pode servir de objeto às demonstrações dos geômetras, os quais não se preocupam, de modo algum, com sua existência (DESCARTES, 1988, p. 60).

Descartes, seguindo a moral e os costumes da sua época, julgava não procurar provar que a origem do conhecimento estava apenas no homem, mas descrever como o homem pode chegar ao conhecimento verdadeiro. A pergunta fundamental, nesse sentido, seria esta: qual a origem das nossas ideias verdadeiras e indubitáveis? Por isso, é possível depreender, que Descartes colocará em Deus, enquanto o ser supremo e capaz de proporcionar ao homem o conhecimento das coisas, a fonte primeira de toda verdade humana.

A segunda prova da existência de Deus é a ideia de infinito em si mesmo, ou seja, somos levados a crer que, Deus existe como causa de nossa ideia de perfeição, como

⁵ A ideia de Deus diz respeito, portanto, à *res cogitans* e não a *res extensa*. A ideia de Deus continua sendo um tema importante no interior da filosofia de Descartes. A forma de abordá-la, no entanto, sofre uma alteração. Não é um assunto que diz respeito aos cinco sentidos, mas apenas à razão.



descreve ele no *Discurso*: “De modo que ela só podia ter sido inculcada em mim por uma natureza que fosse verdadeiramente mais perfeita do que eu, e que até tivesse em si todas as perfeições de que eu poderia ter alguma ideia, isto é, para explicar-me numa só palavra, que fosse Deus” (DESCARTES, 2007, p. 62-63).

A terceira prova da existência de Deus está baseada no princípio da causalidade que mostra as relações entre as coisas e as ideias.

[...] mas necessariamente deveria existir algum outro mais perfeito, do qual eu dependesse, e do qual tivesse adquirido tudo quanto tinha. Pois, se eu fosse só e, independente de qualquer outro, de modo que recebesse de mim mesmo todo esse pouco que eu participava do ser perfeito, poderia, pela mesma razão, obter de mim tudo o mais que sabia me faltar, e assim, ser eu mesmo infinito, eterno, imutável, onisciente, onipotente, enfim, ter todas as perfeições que podia notar em Deus (DESCARTES, 2007, p. 63).

Para o filósofo francês o que importa agora é conhecer qual a causa da existência do seu pensamento, que é um ser finito, contingente e imperfeito. Primeiro essa causa não é causa de si mesmo, pois se o fosse, certamente, lhe concederia tudo que achasse necessário para si. Na prática, esses atributos são utilizados para descrever Deus e não o homem. Descartes elabora, então, toda a sua teoria do conhecimento sob o pressuposto de que Deus sendo um ser perfeito, não carece de ser criado por outro ser: ele é a causa de si mesmo. Ele nos dá condições de conhecer a verdade, ele é o fundamento do nosso conhecimento. Pois como Deus é bom ele não vai nos enganar como um gênio maligno.

René Descartes através do racionalismo fundamenta uma nova forma de adquirir conhecimento, no entanto, o filósofo parte do pressuposto de que isso só acontece porque existe um Deus onisciente, onipotente e perfeito, que nos permite alcançar o saber. O filósofo apesar de ter um pensamento à frente do seu tempo, não abandona por completo suas crenças adquiridas na época dos seus estudos escolásticos, até mesmo porque ele nasceu em uma sociedade onde a igreja possuía muito prestígio e influência. Talvez seja por esse motivo que o filósofo mantinha certo conservadorismo ao escrever e publicar algumas de suas obras.

A igreja vinha sofrendo duros golpes. A publicação da teoria geocêntrica de Copérnico abalou profundamente o poder hegemônico da igreja, o conhecimento



científico dominado pelos padres não possuía mais a validade de antes, pois a terra deixou de ser o centro do universo. As novas teorias descobertas por Copérnico, Galileu e outros pensadores da época fizeram com que a igreja tomasse serias atitudes. Os castigos variavam entre a proibição da publicação da obra do autor, que entrava para o *index* (lista dos livros proibidos pela igreja), chegando até aos processos de inquisição, que puniu muitos pensadores da época a morte na fogueira. Temendo um destino trágico, feito o de Giordano Bruno, que foi condenado à morte pelos tribunais da inquisição, Descartes não publica algumas de suas obras. René Descartes era um filósofo cauteloso, ele pensava sobre muitas coisas, no entanto, não dizia tudo que pensava. Esse conservadorismo perante a igreja eximiu o filósofo de muitos problemas.

5 CONCLUSÃO

Podemos afirmar, fazendo coro à tradição histórica, que René Descartes foi um filósofo racionalista. A razão para ele é o fundamento para o nosso conhecimento. O método cartesiano é totalmente racional e é através dele que podemos intuir a verdade de todas as coisas. Por isso a descoberta desse método foi de grande importância para os pensadores da sua época e para a ciência nascente, pois ele coloca em dúvida toda a forma de conhecer as coisas sensíveis e inteligíveis. A novidade inaugurada pelo método cartesiano está ligada ao ponto de partida: Deus como fonte da verdade e um método matemático como meio para atingir e demonstrar tais verdades, racionalmente.

Descartes não se preocupou em criar um método para as outras pessoas, a sua preocupação era criar um método, que pudesse resolver os seus questionamentos, acerca das coisas do mundo. Pode se afirmar, então, que o filósofo propôs, a partir de um conjunto de regras básicas, desenvolver uma ciência, que fosse capaz de fornecer respostas críticas e concretas aos questionamentos científicos da época.

O filósofo francês se baseia na ideia de que todo conhecimento pode ser dividido em partes cada vez menores, para em seguida poder analisar, separadamente, cada uma dessas partes. Podemos citar como exemplo, o estudo da medicina, que se divide em várias partes para poder conhecer o funcionamento de um órgão e, posteriormente,



juntar esse conhecimento para poder entender melhor o funcionamento do corpo humano. René Descartes deu uma contribuição enorme para a ciência e a finalidade do seu método é bem conduzir a razão para atingir o conhecimento verdadeiro e seguro das coisas. Essa é a sua herança mais visível na posteridade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Scipione, 2000.

DESCARTES, René. **Princípios de filosofia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

_____. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Meditações Objeções e Respostas Cartas**. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural 1988. (Os pensadores, v. II).



Liliane Soares Santana

<http://lattes.cnpq.br/4022083253909863>

